



GRITO NO NORDESTE



O NÚMERO 50

Com esse "Grito" estamos completando os 50 números do nosso jornal. Isso significa 13 anos de trabalhos em que procuramos juntos escrever um pouco a história de nossas lutas, de nossos problemas, de nossas dores e esperanças.

Durante esses treze anos muitos jornais, muitas publicações nasceram e morreram. Apesar de muitas dificuldades o nosso "Grito" continua. Esses treze anos são para nós um sinal de fidelidade a um trabalho que começamos e que queremos cada vez mais ver crescer.

Nosso jornal quer ser expressão do homem do campo, quer ser um instrumento que reune a nós camponeses numa grande classe, partindo sempre dos problemas da nossa vida.

Nem sempre conseguimos ser isso que queremos. Mas, pouco a pouco, na medida de nossa participação ele vai se tornando esse instrumento.

Nosso "Grito" também quer ser um meio de ajudar uma reflexão na fé da própria realidade de nossa vida. Toda a nossa luta por uma vida melhor está abraçada com a ação libertadora de Cristo que veio para que tenhamos vida cada vez mais digna.

Como podemos a partir desses 50 números fazer com que, o nosso jornal realize o que ele quer?

Qual a sua parte de responsabilidade na realização desse nosso jornal?

ENCONTRO DOS BISPOS EM ITAICI (SP)

Duzentos e sessenta e um Bispos brasileiros, se encontraram em Itaici, no Estado de S. Paulo de 21 a 27 de abril. A finalidade era adaptar à realidade brasileira às resoluções da Conferência de Puebla e estudar importantes assuntos de natureza pastoral. Elegeram a nova diretoria da CNBB. Dom Ivo LORSCHETER, presidente (Santa Maria—R.S.). Dom Clemente ISNARD, Vice presidente (Novo Friburgo), Dom Luciano de ALMEIDA, secretário geral (S. Paulo).

PROGRAMA DE PUEBLA: A IGREJA ESTÁ MAIS AO LADO DOS POBRES

O Encontro de Puebla foi um começo e não um fim. Os Documentos de Puebla vão condensados aqui para alimentar a vida das comunidades e grupos.

O Caminho que levará Puebla até nós, tem 4 passos:

- 1 — VER AS CONDIÇÕES DA NÓSSA VIDA.
- 2 — Comparar essa vida com o EVANGELHO.
- 3 — Determinar o que TEM QUE MUDAR.
- 4 — Escolher os MEIOS E AÇÕES Concretas.

(Mais notícias na página 3)

1º DE MAIO



No dia 1º de maio de 1886 explodiu uma greve na cidade de Chicago nos Estados Unidos da América do Norte. Os trabalhadores queriam reduzir a oito horas diárias o dia de trabalho. A greve se realizou do dia 1 até 4 de maio. O povo se agrupava, os líderes falavam; a polícia dissolvia os comícios à força, as manifestações recomeçavam no dia seguinte. Morreram muitos operários, homens, mulheres, crianças. Os chefes operários foram presos, condenados a prisão. Esse crime tornou-se símbolo da luta do povo trabalhador e dos seus direitos. Hoje é comemorado pelos trabalhadores do mundo inteiro, o dia 1º de maio festa do trabalhador.

Há 93 anos atrás, com luta, sangue e suor, companheiros nossos de trabalho conquistaram muitos direitos, um deles foi o dia de trabalho de oito horas, que daria direito a diária.

Hoje muitos amigos camponeses, levam a mulher e filhos para ajudá-los a tirar a produção nas oito horas de trabalho. Eles trabalham 8 horas, para ganhar uma só diária. Isto acontece com Manuel, Raimundo, Severino e outros amigos que conhecemos. Todos querem conquistar

seus direitos, os agricultores no campo, os operários na cidade.

Mas, o que nós trabalhadores podemos fazer hoje para que respeitem os nossos direitos, que foram conquistados há 93 anos atrás?

Os que conquistaram os direitos, eram um grupo. Isto quer dizer que uma das formas que temos de nos organizarmos é ser um grupo, um grupo unido, onde nós nos preocupamos em conhecer nossos direitos para poder exigí-los. Temos que nos organizar no Sindicato, para que o Sindicato esteja do nosso lado, organizar grupos onde nós vamos nos preocupar em conhecer melhor nossos direitos de trabalhadores.

Assim este mês de maio nos lembra que muitas coisas podem ser realizadas, mas depende de nossa união, para uma luta constante, de um povo unido.

Encontramos muitos exemplos de união; metalúrgicos de São Paulo, os amigos de Alagamar, os foreiros de Cachorinho e Coqueirinho e outros que cada um de nós conhece.

Na união com amigos descobrimos que todos que trabalham devem ter condições de vida digna, pois está é a vontade de Deus. Ele mesmo disse que tudo que se encontra na terra é para todos os homens (Gn. 1,29), e não só para alguns. Então, se nós nos organizarmos nos Sindicatos ou em grupos de estudo, para conseguir nossos direitos respeitados, estaremos lutando dentro do pensamento de Deus, pois estaremos lutando para que todos tenham condições de trabalho melhor, bem estar, vida feliz, família feliz.

Estaremos lutando para uma sociedade melhor. Mas para que isso aconteça, é necessário que todos os trabalhadores sejam unidos e organizados.

Os amigos escrevem

NOTÍCIAS DE PERNAMBUCO — Recebi o nosso jornal Grito no Nordeste e fiquei muito alegre por saber dos acontecimentos. Mas o assunto mais importante pra mim foi a resposta do índio ao Papa a carta da esposa sofredora; que tem dez filhos e o marido que sai para os encontros e o padre que dá dinheiro para as viagens do marido e não dá nada para a família; e a esposa que fica escravizada com os filhos e tirando uma tarefa de trabalho sozinha; quando devia trabalhar com o esposo

A minha esposa também sofre muito, só que ela não tem a coragem de escrever e nem tão pouco de falar na presença dos dirigentes. Por isso, é bom a gente se sentar e ver se Jesus fez isso com os apóstolos. As vezes a gente se pergunta por que as mulheres se revoltam com a gente? Eu pessoalmente, descobri que elas tem razão. Descobri também, que a ida dos meus filhos a S. Paulo foi causada pelas tarefas duras que eu deixava pra eles fazerem, achando que estava fazendo a vontade de Deus. Depois pensei, veio ao mundo trazer a libertação. Como é que ele ia aceitar uma coisa dessas?

Num engenho, há 15 anos que não tinha ido uma causa para justiça. Alguns companheiros levaram esse patrão a Junta Trabalhista. No dia da audiência apareceu o patrão e a patroa, e fizeram uma proposta de acordo aos trabalhadores e eles aceitaram. A gente está percebendo que cada vez mais os camponeses estão aceitando acordos. Eles só querem pegar no dinheiro e pronto. Assim, os patrões que fazem os acordos depois dizem aos trabalhadores, olha, esse dinheiro que paguei a vocês não é pagamento; é um cigarro que eu dou a vocês. E com esse sistema o camponês fica cada vez mais individualista, medroso, indeciso.

Amigos da Equipe central da A.C.R., somente nesse mês que tive tempo de dar as minhas notícias. Vou falar um pouco do meu Sertão sofrido, que quando falta chuva o povo fica triste e quando chove eles se lamentam. Quando está seco ninguém planta e quando chove a colheita é vendida barata.

NOTÍCIAS DE SERGIPE — Recebi o novo "Grito" e gostei do novo modelo. Por isso estou mandando as minhas notícias para o próximo jornal. Tivemos uma boa safra. Mas a gente fica pensando que não compensa mais plantar lavoura. Pois um saco de feijão pra gente comprar custa Cr\$ 1.200,00 e pra gente vender custa Cr\$ 500,00 e isto quando a gente acha quem comprar.

NOTÍCIAS DA BAHIA — A A. C. R. foi para mim uma descoberta. Sempre estava preocupada com a situação dos pobres, mas era uma reação sentimental. Mas hoje vejo as coisas com um outro

olhar. E isto graça a ajuda do meu esposo já falecido. Foi ele que encorajou os companheiros e a família pela luta libertadora. Para mim, antes de ter participado de um encontro da A. C. R. eu tinha os olhos fechados. Foi num desses encontros que abriu meus olhos. Agora já penso com a minha cabeça e não com a cabeça dos outros. Estou com uma grande riqueza; que não é gado, não é dinheiro e a nada se compara. Tudo que aprendi estou ensinando a meus filhos. Quero cada vez mais me engajar.

NOTÍCIAS DE ALAGOAS — Passei toda semana Santa, preocupado com os encontros, por não saber quem tinha ido ao encontro. É que eu fiquei doente, iogo que cheguei de Recife. Dessa forma não pude fazer nada para o encontro e nem pude ir. Penso que carreguei a cruz como Cristo. As vezes ficava nervoso, mas pensando na Paixão de Cristo refletida nos irmãos que sofrem e passa fome. Muitos companheiros nossos não foram a feira comprar algo para comer, fiquei mais conformado pensando que não era somente eu que estava sofrendo. Não era somente eu que estava carregando a Cruz com Cristo. Mas apesar de tudo foi muito bom esse período de doença, pois me ajudou a refletir e descobrir o apelo de Deus. Posso dizer que na hora do desânimo, que ninguém apareceu para ajudar-me, a única esperança era saber que Cristo estava presente.

NOTÍCIAS DA BAHIA — Os companheiros receberam o Grito novo e ficaram satisfeitos. Está 100% melhor, os artigos estão ótimos. Por exemplo aquele dos Metalúrgicos de São Paulo é muito bom. A gente vê como eles estão lutando pelos seus direitos.

A nossa Diocese agora tem um advogado para defender os lavradores dos grileiros. E graças a ele, os grileiros já estão parados.

A cheia do Rio São Francisco eu acho que não é cheia. São as lágrimas das famílias pobres que o governo desabrigou. E essas lágrimas pedem vingança. Sobradinho hoje está sendo uma fonte de miséria. Os primeiros, privilegiados devem estar felizes com tantas desgraças que fizeram aos pobres. As riquezas do Brasil sempre se tornam em miséria porque são mal arrumadas; não vai prá frente.

NOTÍCIAS DO MARANHÃO — Num dos números do "Grito" eu li um artigo onde se falava de um remédio feito por um missionário. Infelizmente não acho mais aquele artigo. E me interessei muito em saber a receita daquele remédio extraído de uma planta, cujo nome também esqueci.

RESPONDE A PARAIBA — Não escrevi antes porque queria ter a certeza de como se chamava a planta. Assim, fui a Garanhuns e me certifiquei que SIMA-

RUBA; é a mesma planta chamada PRAIBA. E essa planta pode ser encontrada nas proximidades de Garanhuns e também em Taguara nos limites da Paraíba. **MODO DE PREPARAR:** Junta um litro de álcool com um de água, uma xícara pequena do pó da raiz da SIMARUBA — praiba, junta tudo e deixa passar 8 dias depois filtra. Se a água for fervida não precisa filtrar. Queima-se uma colher de sopa de açúcar, mas não muito, só para ficar brilhoso, depois junta ao líquido. Coloca-se também uma colher de alcachofra para cada litro, isso para proteger contra infecção do frígido. **MODO DE TOMAR:** Toma-se uma colher de chá, 4 vezes ao dia, em água sem açúcar. Bebe durante 7 dias, descança uma semana e recomeça mais 7 dias.

NOTÍCIAS DA BAHIA — Estamos em plena cheia, por isso quero que todos companheiros tomem conhecimento de nossas dores. Perdemos tudo, roças, casas e até dois companheiros nossos. O chão, a terra que sempre moramos foi vendido, somos posseiros. A lei garante, estamos com uma ação na justiça, já ganhamos reintegração de posse. Estamos sempre firmes na terra proibida de plantar, de trabalhar, proibido de pescar; cortaram nossa embarcação; se fossemos contar o nosso sofrimento não haveria papel que acumulasse.

Contudo, o mais triste ainda aconteceu. O fazendeiro sempre jurou que um MURRUAR (boi) seu mataria um de nós. E quem foi a vítima foi o nosso companheiro Aureliano Francisco, que no dia 19 de fevereiro foi apanhado de surpresa.

CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS EM BRASÍLIA DE 21 A 25 DE MAIO

- 1 — Sindicalismo e educação sindical
- 2 — Legislação Trabalhista
- 3 — Questões Agrárias
- 4 — Política Agrícola
- 5 — Previdência Social.

GRITO NO NORDESTE

ANO XIII — Nº 50
ABRIL/JUNHO/1979

Realizado pela Equipe Central da A.C.R. (Animação dos Cristãos no Meio Rural)

COLABORADORES
Nonato, Alex, Rosana, Luis Carlos Colette, Lúcia, Célia, Silvia, Arnaldo João, Maximínio, Aluizio, Pe. Andrés Pe. José Servat

REDAÇÃO
Rua do Giriquití, 48
Recife/Pernambuco
Fone: 231-3177

DIAGRAMAÇÃO:
Uyrarý Cavalcanti

COMPOSIÇÃO E ARTE FINAL:
Av. Conde da Boa Vista — Edf. Stª Rita
10º andar — Sala 1006 — Fone: 2211150
Recife/Pernambuco

VEJAMOS AS CONDIÇÕES DA NOSSA VIDA

O que VEMOS ao nosso redor são ROSTOS TRISTES: rostos de camponeses que não têm terra, que vendem o dia por nada, explorados; e, se têm terra, vendem os produtos sempre mais baratos e compram na feira cada vez mais caro. Por isso, muitos vão embora para a cidade, para ser rostos de desempregados e subempregados, despedidos dos trabalhos pela empresa, rostos de marginalizados nos bairros, que passam fome enquanto olham o luxo dos ricos, rostos de operários, com salário fraco, que não dá para matar a fome dos filhos.

O ROSTO de cada irmão é o ROSTO DE CRISTO SOFREDOR. Essa pobreza generalizada tem as suas RAÍZES. O Papa João Paulo II mostrou essas raízes dizendo: Os ricos SE TORNAM CADA VEZ MAIS RICOS ÀS CUSTAS DE POBRES CADA VEZ MAIS POBRES. Os ricos ficando cada vez mais ricos, em cima das máquinas, bancos e técnicos deixando os pobres sempre mais pobres, estão provocando um CONFLITO SOCIAL GERAL, uma guerra. Porque os pobres não estamos mais parados: queremos justiça, paz, terra, salário.

O nosso povo foi acordado ao longo da história, tomando consciência de que é gente. Surgiram as comunidades, os Sindicatos, os mutirões. A terra começou a ser defendida contra os grileiros.

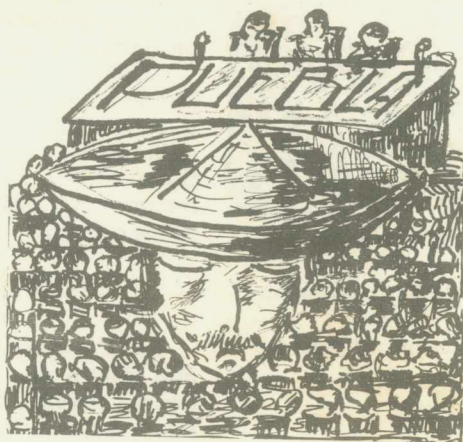
Nos últimos anos um clamor começou a subir ao céu, cada vez mais impressionante e tumultuoso, claro e ameaçador nas suas reivindicações.

E como estão respondendo os ricos ao clamor dos pobres?

Nos últimos anos notamos que surgiu UM PODER MAIOR. Esse poder não vem do voto do povo, nem permite a participação política do povo. É o poder de Governos militares que estabelecem o PODER DA SEGURANÇA NACIONAL. Os Governos, em nome da chamada segurança nacional, botaram interventores nos Sindicatos, amarraram a justiça, ignoraram as leis trabalhistas, usaram o jeito da repressão contra toda organização.

Finalmente esse CONFLITO SOCIAL está produzindo conflito dentro da IGREJA: esta é acusada, por alguns, de ficar do

PROGRAMA DE PUEBLA: A IGREJA ESTÁ MAIS AO LADO DOS POBRES



lado dos ricos, e por outros, de querer mudar tudo a favor dos pobres.

II — JULGAR TUDO SEGUNDO A VERDADE DO EVANGELHO

Diante da distância crescente entre ricos e pobres, o Papa João Paulo II falou em Puebla: Isso é um ESCÂNDALO, o maior pecado do mundo atual, "que sejam derrubadas as barreiras da exploração contra as quais são impotentes os melhores esforços da promoção".

Essa é hoje a mensagem de JESUS de Nazaré: "Vim para proclamar a LIBERDADE AOS ESCRAVOS, dar a vista aos cegos e LIBERDADE AOS OPRIMIDOS; o REINO DE DEUS está perto". Mas as autoridades políticas e religiosas de então rejeitaram Jesus e o crucificaram. Jesus morreu gritando pela salvação. Por isso o Pai ressuscitou Jesus dos mortos, e o devolveu ao nosso meio, às comunidades, à Igreja, que vivem do mesmo jeito e no mesmo espírito de Jesus.

Assim a Igreja prega e pratica a verdade do homem sobretudo em defesa dos pobres, que gritam: "Nós também somos gente, nós somos IGUAIS aos ricos, somos livres e vamos CONQUISTAR A NOSSA LIBERDADE". Essa liberdade é libertação perante as máquinas, e é libertação perante os poderosos. Assim nos tornaremos irmãos, filhos, do mesmo Pai.

III — A IGREJA VIRA PRO LADO DOS POBRES, TUDO TEM QUE MUDAR

A Igreja prefere FICAR DO LADO DOS POBRES para acabar com o ESCÂNDALO DA DISTÂNCIA que se criou entre a maioria de pobres e alguns ricos. Tal escândalo só acabará com a LIBERTAÇÃO dos pobres. Terá que mudar o jeito de produzir e distribuir riquezas. Terá que mudar o jeito de pensar que riqueza é tudo, que poder é tudo. Então tudo mudará.

A ORGANIZAÇÃO DOS POBRES é necessária para mudar tudo. O povo tem que organizar-se nas SUAS ORGANIZAÇÕES: nos Sindicatos, nas Associações de Moradores. A Igreja, só, quer ajudar, não quer ser dona de nada; ela faz tomar consciência a todos do problema comum.

A Igreja se compromete com a LIBERTAÇÃO INTEGRAL: libertação das escravidões do corpo e da alma. Essa libertação tem que ser EFICAZ: não fixará só nas palavras, enfrentará os problemas de RAÍZ, que já conhecemos. Ao contrário, quem vai ACREDITAR na Igreja?

Nessa LIBERTAÇÃO os LEIGOS têm o maior peso nas reivindicações de JUSTIÇA. Operários e camponeses serão "construtores" do mundo mais fraterno e justo que todos queremos. PADRES e BISPOS evitarão clericalizar esses leigos que realizam sua missão no trabalho, na organização. Eles têm que ficar cada vez mais do lado dos pobres, nas comunidades de base, nos bairros, nos encontros entre famílias.

IV — MEIOS DE AÇÕES DE LIBERTAÇÃO

O caminho geral é a programação que cada comunidade fará seguindo os 4 passos indicados no começo. O instrumento mais concreto são as ORGANIZAÇÕES: de operários, de camponeses, de bairro.

Onde não existir tais organizações sejam criados grupos e comunidades que enfrentam as injustiças e promovam a mútua ajuda.

Tarefa especial dos bispos será: condenar a pobreza extrema das suas comunidades, denunciar as raízes que geram essa pobreza, apoiar operários e camponeses, na sua luta pela justiça e pela libertação.

1ª CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II

O Papa João Paulo II, na sua primeira carta aos homens, diz que Jesus Salvador veio mostrar a grandeza e a dignidade do homem.

Todo homem é grande e merece respeito, basta ver que Deus, Pai de todos, criou a terra para todos e quer que todos possam comer, viver e se ajudar.

É verdade que muitos ficam cegos com a riqueza e então pensam que a grandeza do homem está na riqueza e desprezam os pobres. Outros não são ricos de dinheiro mas são ricos de orgulho e pisam nos fracos, pensando que a grandeza do homem está na força e no poder.

Mas Deus não pensa assim, e enviou Jesus para mostrar que a grandeza e a dignidade do homem não estão nem na riqueza nem na força, nem no poder.

Todo homem é grande e merece respeito, senão Deus não teria mandado Jesus

como Homem entre os homens. Mas a grandeza do homem não está na riqueza, senão Jesus não seria pobre. NEM no poder, senão Jesus não seria um carpinteiro, nem seria condenado sem defesa e sem provas.

E onde está a grandeza do homem, a sua dignidade? Está nele mesmo, pelo fato de ser homem. Como diz o Papa em sua carta: em Jesus "o homem reencontra a grandeza e a dignidade de ser homem". Quer dizer: Jesus, o filho de Deus, que nem é rico nem tem a força do poder, mas é homem, lembra que a dignidade do homem está nele mesmo.

Todo homem é grande e merece respeito. Quem tem muito dinheiro e muito poder fica pensando que somente ele tem valor. E, para ter mais dinheiro e mais poder, despreza os pobres e pisa por cima dos fracos. A riqueza cega, e o poder en-

dure os corações. Por isso Jesus foi pobre e viveu misturado com o povo. Se Ele veio para que todos tenham a vida: possam comer, morar numa casa, se alegrar, sofrer com dignidade, se ajudar, ter liberdade, escolher seu destino, ser respeitado; se Ele veio para que todos possam participar dos bens que a terra produz. Gozar da alegria de lutar juntos, como irmãos, pela conquista da vida. Como é então que Ele ia se deixar cegar pela riqueza e pelo poder?

Todo homem é grande e merece respeito. Jesus, com a sua vida, com os seus gestos e palavras, mostrou a dignidade do homem e defendeu a vida para todos. Por isso foi preso, injustamente condenado e assassinado. Mas a sua morte é a nossa força, a nossa esperança, e a garantia de que vale a pena lutar para sermos homens: livres e respeitadores da dignidade dos outros.

ATENÇÃO TRABALHADORES RURAIS ASSALARIADOS



Dois perigos ameaçam os direitos de quem trabalha como EMPREGADO como ALUGADO.

PRIMEIRO — Estão querendo botar o Fundo de Garantia no campo.

SEGUNDO — Estão querendo acabar com o artigo 10 (dez) da Lei 5.889.

Esse artigo 10 trata da PRESCRIÇÃO BIENAL.

POR QUE O FGTS NÃO DEVE ENTRAR NO CAMPO?

FGTS são as 4 primeiras letras do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço. O FGTS entrou na cidade, contra os trabalhadores urbanos. Quem deu esse prejuízo aos urbanos foi a Lei 5.107, de 13/09/1966. Era tempo que os operários das fábricas de carro, de automóvel, iam completar 10 anos de serviço. Esses operários iam ficar **estáveis**, com **DIREITO DE ESTABILIDADE**. Um trabalhador estável não pode ser botado para fora por qualquer motivo. Quando um estável é botado para fora, deve receber **INDENIZAÇÃO EM DOBRO**. Deve receber para cada ano de serviço 2 salários mais 2 pedaços do 13º mês (que é o Prejudicado 20).

O FGTS ACABA COM O DIREITO DE ESTABILIDADE.

O FGTS ACABA COM A INDENIZAÇÃO EM DOBRO.

O FGTS SÓ TROUXE PREJUÍZO PARA OS TRABALHADORES DA CIDADE.

SERÁ QUE O FGTS VAI BENEFICIAR A NÓS DO CAMPO?

POR QUE QUEREM ACABAR COM O ARTIGO DEZ DA LEI Nº 5.889?

Porque esse artigo dá mais tempo para nós do campo. Ele dá mais tempo para a gente ir reclamar o que o patrão não pagou. Ele dá mais tempo para gente defender nossos direitos na Justiça.

PRESCRIÇÃO é quando caduca o direito de a gente reclamar na Justiça.

BIENAL quer dizer DOIS ANOS PARA COBRAR DIREITOS TRABALHISTAS. Depois de dois anos caduca a ação na Justiça. A gente pode ir reclamar depois de 2 anos. Mas recebe a resposta seguinte: já caducou seu direito de reclamar.

A PRESCRIÇÃO BIENAL É MAIS FAVORÁVEL PARA O TRABALHADOR RURAL — Ficando no mesmo emprego rural, não caduca o direito de reclamar. O trabalhador vai juntando tudo que o padrão não pagou. No dia em que perde o emprego começam a correr os 2 anos. O trabalhador, ainda, tem 2 anos para reclamar todos os seus direitos. Todas as férias, todos os décimos, todos os salários podem ser reclamados de uma vez. Isso é conforme o artigo 10 da Lei 5.889.

COMO O TRABALHADOR DA CIDADE É DIFERENTE — Tem dois anos para reclamar a partir do dia em que não recebeu o direito. Não recebe um salário, só tem dois anos para reclamar, assim por diante. Não junta muito direito. Para ir reclamar na Justiça e perder o emprego . . . aí o trabalhador urbano prefere não reclamar. Ao cabo de dois anos perdeu aquele direito. Isso é conforme o artigo 11 (onze) da CLT.

VAMOS VER UM EXEMPLO QUE MOSTRA A DIFERENÇA EM DINHEIRO

É um caso com um trabalhador rural e um operário. Todos os dois têm 15 anos de serviço. Todos dois nunca receberam férias, décimo terceiro. Todos dois ganham o salário de Cr\$ 1.226,40. Agora vamos ver as contas:

AS CONTAS DO TRABALHADOR RURAL Conforme o artigo 10 da Lei 5.889

CONTA TODOS OS DIREITOS, 14 FÉRIAS EM DOBRO, 1 férias simples, 15 décimo.

14 férias em dobro — 28 salário	Cr\$ 34.339,20
1 férias simples — 1 salário	Cr\$ 1.226,40
15 décimos terceiro — 15 salários	Cr\$ 18.396,00
TOTAL — 44 salários	Cr\$ 53.961,60

AS CONTAS DO OPERÁRIO Conforme o artigo 11 da CLT.

Só conta 2 férias em dobro, 1 simples, 2 décimos terceiros.

2 férias em dobro — 4 salários	Cr\$ 4.095,60
1 férias simples — 1 salário	Cr\$ 1.226,40
2 décimos terceiros — 2 salários	Cr\$ 2.452,80
TOTAL — 7 salários	Cr\$ 8.584,80

VOCÊS acham que os dois trabalhadores tinham o mesmo direito. Mas o rural, pelo exemplo, deve receber Cr\$ 53.961,60 e o urbano só teve direito a **micarria** de Cr\$ 8.584,80. A lei permite o patrão roubar do urbano Cr\$ 45.376,80.

POR QUE SERÁ QUE MUITOS PATRÕES, MUITOS DEPUTADOS E MUITOS SENADORES ESTÃO QUERENDO DERUBAR O ARTIGO DEZ DA LEI 5.889?

A GENTE DEVE COMEÇAR A GRITAR CONTRA A DERUBADA DO ARTIGO DEZ DA LEI 5.889.

A GENTE TEM QUE ABRIR A BOCA NO MUNDO PARA O FGTS NÃO ENTRAR NO CAMPO.

SAIU O NOVO SALÁRIO MÍNIMO

Eis os diferentes salários mínimos das diversas regiões do Brasil:

Cr\$ 1.644,00 — para os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe e parte dos Estados de Pernambuco e Bahia. Antes o salário era Cr\$ 1.111,20.

Cr\$ 1.797,60 — para os Estados do Acre, Amazonas, Pará, Goiás, Mato Grosso, Amapá, Roraima, para Recife e a Zona Metropolitana, Salvador e 18 municípios da Bahia. Antes o salário era de Cr\$ 1.797,60 cruzeiros.

Cr\$ 2.107,20 — Para os Estados de Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Antes, nessa região, o salário era de Cr\$ 1.449,60.

Cr\$ 2.268,00 — para Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Antes, nesses Estados o salário era de Cr\$ 1.560,00.

PARA QUE O "GRITO" SE TORNE MAIOR

Aumentar a tiragem de nosso jornal é uma necessidade vital. Isso quer dizer que devemos encontrar centenas, até milhares de novos leitores, para viver e crescer. Essa tarefa é nossa, trabalhadores rurais do Brasil. Assim o jornal continuará nosso, acompanhando e apoiando a nossa luta para mais justiça e mais respeito aos nossos direitos humanos.

Para isso vamos manter e renovar as assinaturas que existem e fazer outras assinaturas em todos os Estados.

Podemos pedir números avulsos para vender a Cr\$ 5,00 onde for possível: comunidades, feiras, festas diversas, sindicatos e Igrejas. Encomendem e paguem depois da venda.

Números avulso: 5,00. Assinaturas para trabalhador rural: 1 ano — 25,00 cruzeiros. Assinatura para outros leitores: 1 ano — Cr\$ 35,00. Assinaturas para o exterior: 1 ano — Cr\$ 100,00 cruzeiros.

Cheques e vales em nome de José **SERVAT**. Secretariado da A.C.R. Rua do Giriquiti, 48 - 5.000 — Recife/PE.

CURIOSIDADE

Veja companheiro amigo, a opinião de um latifundiário mineiro, Antônio Luciano Pereira, com mais de 500 mil hectares de terra, a respeito do pequeno lavrador: "Apenas os grandes proprietários deveriam existir". Ele justificou sua opinião dizendo que "os pequenos não têm condições de administrar uma fazenda". Agora, vejam vocês que administração ele faz quanto a utilização da terra. Dos seus imensos lotes de terra, ele revela que só cultiva 25 mil hectares; principalmente em canaviais.

Quanto aos que pretendem dividir melhor as terras ele diz "Não passam de comunistas esses que só elaboram leis para proteger os posseiros" (Veja) Nº 553.

É companheiros, assim têm muitos! O que devemos fazer diante de tamanha desumanidade? Qual a posição do governo nesses casos? Será que não temos capacidade mesmo? Afinal de contas, Deus deu ou não inteligência aos pobres?

A MORTE

DE EDVALDO

Durante a Semana Santa estive em Água Preta, uma cidade que fica perto de Palmares. Lá existe um grupo de Animação dos Cristãos no Meio Rural. Deste grupo fazem parte o casal Pedro Francisco e Maria José. Eles possuem muitos filhos. Um deles chamado Edvaldo morreu aos 13 anos. Ele trabalhava como agricultor desde os 10 anos de idade.

PORQUE EDVALDO MORREU? — Na noite de 5ª feira-santa, os irmãos da comunidade se reuniram na casa de Pedro. O motivo era a morte de Edvaldo. Ele morreu na tarde da 5ª feira. Os irmãos conversaram sobre as causas da morte dele. Havia quinze pessoas e muitos eram pais e mães de família. Muitos tinham filhos agricultores como Edvaldo. Os pais e as mães disseram que seus filhos estavam muito fracos devido ao trabalho. O trabalho de agricultor é muito pesado e cansativo para crianças ainda pequenas. As crianças vão ficando enfraquecidas. A alimentação é muito fraca. Elas ficam subnutridas, adoecem muito. Aconteceu assim com Edvaldo: ele teve uma febre e como estava fraco, a febre se complicou. Os remédios que tomava nem faziam efeito, devido sua fraqueza. Tão grande era sua fraqueza, por isto ele morreu.

O QUE SE FEZ PARA SALVAR EDVALDO — Durante a doença, Edvaldo recebeu muitas ajudas. Os irmãos sabiam que ele precisava de remédios e alimentos. Todos ajudaram e enviaram alimentos fortes. Queriam que ele ficasse bom! Todos lutavam para afastar a doença e a morte. Na casa de Pedro Francisco havia um pinto grande, dado por alguém da comunidade. Era para fazer um cozido para fortificar o doente. Todos queriam que Edvaldo melhorasse e voltasse a andar pelos engenhos. Ele acompanhava os grupos de animadores quando rezavam, cantavam e liam o Evangelho pelos engenhos.

A COMUNIDADE SE REUNIU PARA COMBATER A DOENÇA E A MORTE

O QUE SE FEZ DEPOIS DA MORTE DE EDVALDO — Reunidos na casa dele, os irmãos recordaram as caminhadas pelos engenhos. Lembraram o grande apoio que Pedro deu a outros irmãos em horas iguais àquela. Pensaram como enterrar Edvaldo: Seu pai disse que seria num lençol pois era assim que ele podia. Enterrado num lençol, era essa a condição do agricultor. Todos sentados numa esteira, rezavam de mãos dadas a ladainha "TEM PIEDADE DE NÓS SENHOR". Falavam da situação das crianças agricultoras de Água Preta. Contaram que havia seis rapazes intoxicados pelo veneno que botam na cana. Fala-



vam da invalidez de um agricultor que está desamparado pela Previdência. A comunidade rezava pelo morto e pelas dificuldades da vida dos agricultores. Juntos de mãos dadas disseram a ladainha "LIVRAI-NOS SENHOR".

A COMUNIDADE SE ORGANIZOU PARA AJUDAR PEDRO — Escolheram três pessoas para passar listas de contribuições. Escolheram duas pessoas para irem avisar ao bispo Dom Acácio a hora do enterro. Escolheram outras três pessoas para tratar da certidão de óbito e comprar os panos para cobrir o caixão. Dois compadres ficaram serrando as tábuas junto com Pedro, para fazer o caixão. Enquanto as tábuas eram serradas as listas eram passadas. Reunidas as listas e as contribuições foi feito o grupo de apurados geral. As contribuições variavam desde quatro cruzeiros até cem cruzeiros. A vaquinha foi hum mil e cinquenta e quatro cruzeiros. Reunidos e de mãos dadas rezaram pela união da comunidade.

A COMUNIDADE DECIDIU ESCREVER UMA CARTA — Depois de muitas decisões tomadas, e ações realizadas, Pedro sugeriu escrever uma carta:

— Contar tudo o que a comunidade havia realizado. Para avisar ao bispo de Palmares a hora do enterro. Juntos e em volta de alguém que escrevia a carta, cada pessoa ditava uma frase. Contaram todo o esforço que haviam feito para poder enterrar Edvaldo num caixão. Escreveram o total da vaquinha para o bispo, saber o tanto conseguido. Depois da carta escrita, cada uma da comunidade quis assinar nela. Juntos rezaram e cantaram lembrando a união e as ações da comunidade.

A COMUNIDADE PLANTA UMA SEMENTE — A comunidade planta uma semente. Na casa de Pedro Francisco havia muitas flores. Foram levadas pelos vizinhos, pelos amigos, pelos irmãos. As catorze horas da sexta-feira santa chegou Dom Acácio. Em volta do caixão rezaram e cantaram junto com o bispo. Todos carregando flores levaram o caixão a Igreja. Subiram a ladeira do cemitério. Em volta de Edvaldo, a comunidade jogou terra e flores. Falaram sobre tudo o que aquela semente PRODUZIU.

— A união e a luta de todos para afastar a doença.

— A união e organização dos irmãos para ajudar Pedro.

— A oração da comunidade pelas dificuldades da vida de agricultor.

Rezaram a ladainha "OUVI-NOS SENHOR"

De mãos dadas cantaram e rezaram pela semente plantada.

INTERROGAÇÕES

O movimento de A.C.R. cresceu... mas a tendência de todo Movimento é estabilizar-se e envelhecer. As mesmas pessoas permanecem nas funções de mais responsabilidade porque os mais jovens não assumem. Os jovens que poderiam renovar a organização não tomam responsabilidade pelo fato que os antigos continuam. Assim nasce um tipo de animador que não é mais camponês como os outros, que tem cabeça bem cheia, sabe ajudar os trabalhadores, mas na vida cotidiana pensa e vive fora da realidade da classe. O nosso espírito militante é bastante crítico para ver o que é positivo no trabalho da A.C.R., mas também para lembrar com força as falhas e exigir mudanças necessárias. Equipe central e equipe diversas, reuniões e assembleias, assistente, permanentes, secretariado, jornal? Devemos continuar do mesmo jeito ou seria necessário mudar? O que, e como?

— Antes padres e bispos ajudavam mais, acompanhando o trabalho do movimento com os lavradores. Hoje são poucos e com pouco tempo a dar. Muitos acham que o trabalho que fazemos não corresponde ao que esperam. Como fazer equipe, estar sempre mais solidários com os companheiros da classe e também com os poucos padres, religiosos, estudantes que aceitam um compromisso com a Evangelização do campo? Como fazer que novos padres acompanhem as equipes regionais e central? É tempo de mudar.

Na última Assembleia em outubro, os participantes pediram o estudo de uma organização do movimento em bases mais seguras. Uma equipe trabalhou e estudamos o projeto de estatutos ou de regime interno para definir as regras de funcionamento do movimento. Podem pedir o texto das propostas para estudá-las com sua equipe e dizer o que pensam.

A EQUIPE CENTRAL DA A.C.R. SE INTERROGA

Estamos numa situação nova de muita movimentação das forças de transformação no Brasil.

O movimento como se apresenta é realmente um movimento que permite uma tomada de consciência da responsabilidade e de poder do próprio camponês na sua realidade?

Temos um bom tempo de trabalho.

Será que o movimento, que começou com os mais pobres, não se tornou uma elite de intelectuais e antigos militantes que saíram da sua realidade camponesa e agora tentam ajudar de fora os companheiros?

Sentimos sempre uma dificuldade de juntar ação e reflexão.

Até onde o movimento está levando os camponeses a se engajarem antes de tudo numa ação concreta e não só na reflexão.

Para nos ajudar a nos afirmar nos nossos questionamentos sobre nosso movimento frente as novas transformações no Brasil, pedimos aos nossos companheiros assinantes do "Grito no Nordeste" que estudem, pensem e reflitam sobre estas questões levantadas e nos escrevam com urgência para nos ajudar a ver melhor e nos afirmar nesta caminhada.

Evangelho no campo

• Na Arquidiocese de Natal existe uma equipe responsável pelo Movimento de A.C.R. As atividades dessa equipe são feitas no campo. Pois sendo um movimento de camponeses o trabalho é feito todo no campo. Essa equipe tem como objetivo fazer um trabalho partindo da vida, da situação de cada um do campo. Fazendo com que eles tomem consciência da realidade em que vivem. Fazendo com que eles descubram que a fartura que existe nas mesas dos ricos sai do campo, que é um fruto do trabalho deles. A nossa missão é também de fazer com que eles descubram se a situação em que eles vivem é de libertação ou de escravidão. Que eles descubram que nós somos uma classe desvalorizada. Que nós somos uma espécie de fermento na massa, o sal da terra e a luz do mundo.

... A terra é de todos, é um bem comum deixado por Deus para os homens e de preferência para aqueles que trabalham nela. Por isso o homem do campo tem que ser valorizado como pessoa humana, como gente, como filho de Deus. Por isso dizemos que ninguém vai vencer essa classe, nem mesmo os opressores. A gente toma sempre Cristo como exemplo para nós.

ENCONTRO DA CANA — Realizou-se em Olinda dias 7 e 8 de abril o encontro da cana. Participaram muitos dirigentes sindicais; inclusive de Paraíba e R.G. do Norte. Partimos da revisão dos trabalhos feitos no ano passado. Dos que participaram do trabalhador rural da cana fizeram o que foi possível. Vimos que a situação do trabalhador rural da cana continua piorando. Além dos salários baixos, as terras que se usava para lavoura caseira, estão sendo tomadas pela cana. Cada vez mais diminuem os trabalhadores fichados. Só se vê caminhões de clandestinos prá-lá e prá-cá, procurando onde se paga mais. Quando a safra acaba, muitos ficam parados. Apresentou-se casos de trabalhadores perseguidos pela polícia e capangas, às vezes mortos devido a questões trabalhistas.

BAHIA — Encontro regional da A.C.R. do Nordeste III em Alagoinhas (BA). Encontraram-se 35 animadores de 10 dioceses da Bahia, Sergipe e Minas Gerais. O trabalho começou com a apresentação do que foi feito no ano passado. Cada diocese interrogou a uma outra para aprofundar mais o conhecimento do que foi feito. Dois dias foram consagrados a avaliar o valor das atividades na situação do lavrador hoje na Fé em Jesus Cristo. Houve momentos e noites para conhecer mais a situação sindical na Bahia: encontro com sindicatos da Petroquímica, informações sobre o próximo Congresso dos Sindicatos Rurais em Brasília, sobre a conferência dos Bispos em Puebla, a organização da A.C.R., a situação da Amazônia. Insistiu-se sobre a próxima assembléia da A.C.R. em Senhor do Bonfim (23 a 28 de setembro) e a Assembléia Geral em Olinda (21 a 28 de outubro).

VISITA AO MARANHÃO — Diocese de Caxias — Visitas às comunidades de Igreja. Foram visitadas 12 comunidades com o objetivo de viver e sentir o trabalho, dentro das comunidades e ao mesmo tempo numa visão de Fé e de compromisso, se questionar pessoalmente na função que assumiram. Como as comunidades, que estão crescendo e assumindo as novas situações que surgem cada dia? A diocese de Coroatá foi visitar por um dos animadores e um militante da A.C.R. Visitamos a comunidade de Santo Antônio em Coroatá, onde os companheiros assumem isoladamente os sérios problemas que é a proibição de plantar.

VISITAS A OUTROS ESTADOS — Pará e Maranhão — Visitamos os amigos de Belém (Comissão Pastoral da Terra e Fase), de Paragominas. Encontramos com os trabalhadores que dispõem de lotes nas colônias. Visitamos também várias equipes de pastoral das dioceses de Marabá e Conceição do Araguaia. Na volta, passamos alguns dias na região de Imperatriz, no Maranhão. Nordestinos e Mineiros se apresentam mais uma vez como os pioneiros que desmatam terras novas. Depois, chegam os grileiros que tomam as terras preparadas. O camponês continua abrindo caminho para outros aproveitarem. Felizmente, a Igreja, nesta região visitada, cresce com os pobres. Ela se tornou fonte de animação, para que sejam exigidos os direitos dos trabalhadores.

MORTE EM JUÇARAL — Município do Cabo — Um cabo de um engenho foi assaltado e morto na estrada. O suspeito criminoso, um vigia da Vila, fugiu e escondeu-se na mata. Um cortador de cana, morador de Rurópolis, pai de 5 filhos, quando ia trabalhar encontrou o cadáver. Voltou e foi avisar a polícia e, lá foi preso como suspeito. Depois de ficar mais de 8 dias preso, espancado pela polícia e interrogado, foi reconhecido inocente pelo Juiz da cidade e posto em liberdade.

MINAS GERAIS — Realizou-se um encontro de lavradores e um encontro de Agentes de Pastoral em abril. Participaram mais de 60 trabalhadores. Foi analisada a situação da família camponesa em Minas Gerais, na realidade de hoje. Esperamos os relatórios.

PENEDO — Realizou-se em Penedo-AL nos dias 11 a 14 de abril, mais um encontro de camponeses. Participaram companheiros de Sergipe e Alagoas. O encontro tratou dos problemas dos pequenos proprietários e das várias dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores da zona canavieira daquela região. O objetivo do encontro era de animar os companheiros na caminhada que iniciaram juntos com a A.C.R. em busca de um mundo mais justo e mais cristão.

PETROLINA — Do prefeito Diniz Calvalcante — "A situação aqui é pior do que no estado do Ceará. Lá o povo grita, mas aqui permanece calado a espera de ajuda. ... há 4 anos a região vive sem água!

NOTÍCIAS BREVES

Próxima Assembléia da A.C.R. 21 a 28 de outubro 1979, em Olinda.

Nas Assembléias passadas estudamos a produção e o trabalho, o fruto do trabalho, o problema da terra, as migrações e no ano 1978, "a política e a participação do povo.

Em outubro de 1979 queremos conhecer "a família camponesa na realidade brasileira de hoje":

Está se preparando o roteiro de um trabalho preparatório que vamos enviar aos responsáveis das dioceses. Podemos, já, prever a preparação por grupos e a escolha dos delegados. Enviem as suas idéias sobre o assunto e peçam o roteiro do trabalho preparatório.

PRÓXIMOS ENCONTROS:

Dia 23 a 27 de maio próximo encontro Regional — Seminário de Olinda.

Dia 27 a 29 de julho, encontro de Limoeiro do Norte — Ceará.

Dia 28, 29 e 30 de junho, encontro das Comunidades de Bases, em São Luiz-MA.

Dia 23 a 28 de setembro — Assembléia Regional Nordeste III da A.C.R. em Senhor do Bonfim-Bahia.

Dia 29 e 30 de setembro — Encontro da região da Cana em Alagoas.

Dia 27 a 29 de julho — Encontro da A.C.R. — Limoeiro do Norte-CE.

Dia 29 de julho, em Petrolina, preparação do Encontro dos Agentes de Pastoral.

Dia 5 e 6 de maio — Encontro da equipe estadual da Paraíba, em Arena.

Dia 21 e 28 de outubro Assembléia Geral da A.C.R., em Olinda-PE.

Dia 5 a 9 de novembro — Encontro dos Agentes Pastorais — Olinda-PE.

NASCIMENTO: Rosywada Pereira de Lima, 10 de abril de 1979. Filha de Maximínio e Carmelita Pereira, em Vitória de Santo Antão-PE.

Em Alagoinhas (Bahia) nasceu o filho de nosso amigo Vital.

CASAMENTO: No mês de junho próximo o casamento de Maria do Carmo, filha de Maximínio e Carmelita, com Luís José.

ANIVERSÁRIOS: 10 de junho Manoel Raimundo e Padre José Servat-PE.

Dia 23 de junho, João Severino Rufino de Carpina-PE.

Dia 24 de junho: Pedro Francisco de Água Preta-PE.

FALECIMENTO: Faleceu o filho de Pedro Francisco e Maria José, Edvaldo.

OPINIÃO DO LEITOR

Trabalhadores de Junqueiro-AL, reclamaram que "O Grito" não está mais para camponês. "É para intelectual". Disseram que não está mais sendo feito por camponês e sim por intelectual. Você concorda? O que fazer para o camponês participar? Em que você pode participar? Em que você participar? Faça você também suas críticas e colabore com o jornal.

Foreiros são ameaçados de expulsão em Pedras de Fogo



No município de Pedras de Fogo, Paraíba, 50 famílias de foreiros, total de 300 pessoas, estão sendo despejadas das terras.

Estes foreiros moram nos engenhos de Cachorrinho e Coqueirinho, comprados pela Usina Central Olho D'Água. Os usineiros pernambucanos compraram estas terras para plantar cana e aumentarem a produção de açúcar. Encontraram no local 76 famílias de foreiros plantando lavoura branca numa área de aproximadamente 650 hectares.

QUEM SÃO OS FOREIROS — Muitos trabalhadores chegaram na região há mais de 40 anos.

Não sendo donos da terra, vivendo de forma muito simples, têm a liberdade de escolherem o que plantar e a quem vender.

O trabalho é feito pelos membros da família. Quando precisam de ajuda parentes, amigos, organizam mutirão e, em pouco tempo, são resolvidos os problemas de plantio. É desejo deles continuar assim, como foreiros.

OS PLANOS DA USINA — Os novos proprietários querem estas terras para cultivarem a cana e precisam destes trabalhadores para as tarefas. É importante para a Usina que os trabalhadores, tenham todo o seu tempo disponível para o cultivo da cana, isso significa que eles não devem desviar parte do seu tempo para cuidar da lavoura branca.

O interesse da Usina é que estes trabalhadores deixem de ser foreiros, passem a ser assalariados, que dependam apenas do salário, para sustentarem suas famílias.

AS PROPOSTAS E AS AMEAÇAS

— Os novos proprietários fizeram tudo para conseguir seus objetivos. As primeiras propostas: Dia 2 de abril de 76, "às 4 horas, apareceu o doutor da Usina, disse que era dono das terras, que ia precisar para plantar cana. A lei diz que nós tinha 6 meses para sair. Mas como a Usina era boa" depois de um ano queria a terra desocupada.

— Doutor, e prá onde nós vai? Ninguém quer arrendar!

— Não querendo sair . . . , fica, vocês trabalham assalariados.

— Ninguém queria sair . . . era acostumado trabalhar para si. De início foi negado qualquer indenização:

— O senhor indeniza?

— Não, vocês não têm direito a nada. Se fosse olhar direitinho, vocês é que deviam pagar a nós, já exploraram a terra por tanto tempo!

— Por que não indeniza as fruteiras?

— Ah! Elas vocês arrancam e levam nas costas. Se não está bom, vocês caçam seus direitos no Sindicato.

Diante da ameaça de serem expulsos, pediram ajuda ao Sindicato. Mas o Sindicato se colocou a favor da Usina. Firms no propósito de permanecerem nas terras, os trabalhadores continuaram plantando. A Usina usou outros

meios para expulsá-los. Quatro foreiros foram intimados, interrogados, presos e pressionados a abandonarem os companheiros de luta. Disseram-lhes que não deveriam manter contatos com os grupos solidários. Um dia depois de serem soltos, um destes policiais, pressionou o líder do grupo a aceitar a baixa indenização proposta pela Usina.

A LUTA PARA PERMANECER NA TERRA — Alguns trabalhadores, os que não moravam nas terras arrendadas, aceitaram a baixa indenização oferecida pela Usina. O dinheiro não correspondia ao valor das benfeitorias e das lavouras que haviam feito na terra. Mas 50 das famílias, tendo tomado conhecimento do Estatuto da Terra e seus direitos decidiram continuar lutando pela permanência na terra.

E foram descobrindo aos poucos, a melhor forma de enfrentar as pressões da Usina. Começaram a se organizar, a tomar decisões em grupo. O trabalho familiar deu lugar ao trabalho coletivo: todas as decisões passaram a ser feitas em grupo. Isso criou um forte sentimento de solidariedade e deu condições a eles perceberem a força de sua união.

"Começamos a aumentar o mutirão. Cinqüenta pessoas se juntavam e trabalhavam para outra num dia, combinava quem tava mais precisando. Se o trabalho era pouco, ajudava outro. A união faz a força. Refletia se tinha valor. Achou que era bom, continuamos".

"Um dia a Usina invadiu a terra de um companheiro, cortou tudo de tractor; juntou-se todo o mundo e no terreno plantamos mandioca".

Neste momento, a luta já era acompanhada com grande interesse pelos outros foreiros da região que vivem em condições semelhantes de instabilidade.

A resistência estimulou os outros trabalhadores a lutarem também pelos seus direitos.

Nas eleições sindicais escolheram uma diretoria realmente comprometida com os interesses dos trabalhadores rurais. A partir daí, através do Sindicato procuraram o apoio da Federação dos Trabalhadores Rurais e de outros grupos da sociedade.

A FORÇA DOS PROPRIETÁRIOS ANULA A LEI QUE PROTEGE O TRABALHADOR — Estudando o Estatuto da Terra, os foreiros descobriram que a lei lhes dá o direito de permanecer na terra e que a propriedade deve ter uma função social. Ela deve garantir ao trabalhador a permanência e o uso da terra.

Por sua vez, a justiça deu causa ganha aos proprietários da Usina. Isso lhes deu condições legais de expulsar os foreiros. Para que o despejo em massa não criasse uma situação de tensão social, que poderia levar a desapropriação da área, a Usina se propõe a executar o despejo individualmente.

Os foreiros escreveram cartas, fizeram abaixo-assinados e os enviaram aos jornais e as autoridades.

EM BUSCA DE APOIO NA CIDADE — Depois decidiram ir em massa a João Pessoa. Ela acamparam frente a Assembléia Legislativa.

Receberam o apoio de setores da população, voltados para a defesa dos Direitos Humanos. Mas ficou claro que na Assembléia do Estado não há representantes do povo, menos ainda dos camponeses.

Deixando a Assembléia Legislativa, os manifestantes marcharam em direção ao Palácio do Governo. Com muita dificuldade, conseguiram falar com o Governador, mas este não se mostrou interessado nos problemas dos foreiros. Disse o diretor do INCRA: "Essa história de camponeses fazer caso e movimento, já está virando moda aqui na Paraíba. Mas a responsabilidade de nosso órgão é criar um pólo industrial avançado no Estado, pois a exploração através de pequenos proprietários produz apenas uma cultura atrasada e subdesenvolvida que não tem rentabilidade".

A manifestação terminou com um ato público que contou com a presença dos grupos que os apoiavam.

NO CASO DE COQUEIRINHO E CACHORRINHO O QUE FIZ A LEI EM FAVOR DOS AGRICULTORES

Alguns artigos da lei em favor dos agricultores.

Muitas leis são contra o despejo. O Juiz pode se agarrar nessas leis. Mas, quem também deve conhecê-las e nelas se agarrar são os agricultores.

O Artigo 160 — III da Constituição Federal — Toda propriedade tem obrigação social. A propriedade deve servir a sociedade.

Artigo 12 Estatuto da Terra — O uso da propriedade tem que ser para o bem do povo. Então, a propriedade deve servir para o benefício das famílias dos agricultores. Pois as famílias formam um grupo maior. Têm mais gente do que proprietário.

Artigo 2, § 3 Estatuto da Terra — Todos os agricultores têm direito de ficar na terra que já está plantando e criando.

Artigo 15 Estatuto da Terra — Quando o proprietário não olhar o bem dos trabalhadores, esse proprietário deve perder a propriedade. Ele perde a propriedade por meio da desapropriação por interesse social.

No Artigo 15, ainda diz que quando os trabalhadores recebem ameaças, mas não querem sair da terra, começa a tensão social. Quando isso acontece, o Governo deve socorrer aos trabalhadores. Como o Governo faz isso? Fazendo a desapropriação por interesse social.

Fazer o que os agricultores de Cachorrinho e Coqueirinho estão fazendo. É uma luta justa.

Lutando para ficar na terra onde moram e trabalham, é uma luta dentro da Lei do Estatuto da Terra, que será obedecido quando sair a desapropriação por interesse social dos agricultores de Cachorrinho e Coqueirinho.



A greve dos metalúrgicos de São Paulo

Dois dias antes da posse do novo Presidente da República, os metalúrgicos de Santo André, São Bernardo e São Caetano (ABC), importantes centros industriais ligados à cidade de São Paulo, entraram em greve como último recurso e arma de luta para elevação dos salários e melhores condições de trabalho.

Na área do ABC, se localizam grandes empresas que empregam enorme número de trabalhadores, como o caso da Volkswagen que tem mais de 40 mil empregados.

Reivindicações de destaque dos metalúrgicos do ABC, e do interior de São Paulo, após discutirem com os empresários por melhores condições de trabalho e elevação do salário: estabilidade de emprego depois de terminar o contato de experiência (90 dias), estabilidade para os delegados sindicais escolhidos na proporção de um delegado para cada grupo de 500 empregados de uma fábrica, aumento salarial de 63% sem que se descontassem os 11% conseguidos no ano anterior, e um piso de 3 salários mínimos.

Os empresários não aceitaram estas reivindicações, especialmente do aumento do número de delegados sindicais e sua instabilidade na empresa. Esta conquista

daria aos operários melhores condições de organização dentro da fábrica e elevaria conseqüentemente seu potencial de luta.

O presidente dos metalúrgicos de São Paulo, Argeu dos Santos, considerando vantajoso o aumento de salário proposto pelos empresários, resolveu abrir mão das demais reivindicações, abandonando assim os metalúrgicos do ABC.

Exatamente isso que queriam os empresários e o governo. Isolados, porém, os metalúrgicos do ABC, apelaram para a greve, como instrumento de luta.

O Tribunal Regional do Trabalho declarou ilegal a greve dos metalúrgicos que agrupava mais de 80 mil trabalhadores. Essas assembleias gigantes demonstravam o ânimo dos trabalhadores, muitos deles nordestinos que pela primeira vez participavam de um movimento de classe.

Houve intervenção do Ministério do Trabalho, que não aceitou as reivindicações apresentadas.

Em assembleias, milhares de trabalhadores recusaram as propostas feitas anteriormente pelos empresários. Convictos que tinham que levar a luta até o fim, pois da luta depende o destino da classe

trabalhadora do Brasil; se amolecessem diante do patrão o fracasso seria para todos.

Assim a greve se espalhou por toda a área do ABC, cuja direção foi assumida pela organização sindical. Organizaram piquetes nas fábricas para impedir a entrada, resistiram à repressão policial, e decidiram o andamento da greve em assembléia de mais de 50 mil pessoas.

Por outro lado, os prejuízos das empresas tornavam-se cada vez maiores. Diante da resistência dos metalúrgicos, os empresários começaram a pressionar o governo; queriam acabar com a greve.

O último recurso seria intervenção nos sindicatos. Em Brasília o governo acompanhava o movimento e planejava a intervenção. Temia que o movimento se alastrasse e ameaçasse a abertura política.

Aconteceu a intervenção no ABC na segunda semana de greve. Tropas de choque da Polícia Militar cercaram o sindicato, inúmeras pessoas foram presas, os dirigentes sindicais foram destituídos dos seus cargos e substituídos por interventores.

Mas esta medida não acabou com a greve.

Mais o governo se tornou aliado dos empresários brasileiros e estrangeiros, mais setores da sociedade brasileira e do exterior manifestavam-se, apoiando os trabalhadores.

As negociações entre trabalhadores, patrões e governo foram retomados.

Reunidos em assembléia gigante, os metalúrgicos decidiram voltar ao trabalho. No entanto, estão seguros de que terminando o prazo de 45 dias das negociações para estudar as principais questões surgidas com a greve, poderão lançar mão de outra greve se suas principais reivindicações não forem atendidas, entre elas a volta de seus legítimos líderes à direção dos sindicatos do ABC.

15 DE MARÇO: POSSE DE FIGUEIREDO – O QUE VAI MUDAR?

Depois de 5 anos do Governo Geisel com muitas promessas de "abertura lenta e gradual" chegamos ao 15 de março de 79, com a posse do General João Baptista de Figueiredo que, em sua campanha para Presidente jurava tornar o Brasil "uma verdadeira democracia" e no seu primeiro discurso como Presidente voltou a afirmá-lo com muito mais destaque.

Não sei se todos os companheiros do campo sabem, mas nós estamos vivendo num regime Político Militar autoritário, quer dizer numa ditadura; portanto sem Democracia. É aí que está a contradição da jura do novo Presidente; como é que ele vai tornar o Brasil "uma verdadeira democracia"? Se no Governo dele, estão homens que fizeram o regime militar autoritário, nesses 15 anos? É só vocês companheiros, dar uma olhada nos postos mais elevados do seu Governo e comprovarem isto; por exemplo podemos citar, Delfim Neto, Mário Henrique Simonsen, Mário Andreazza, Ueki, Golbery do Couto, etc. . . esses homens são os mesmos que já estiveram nos governos de Médici e de Geisel.



João Baptista de Figueiredo

Vendo tudo isto, a gente percebe que muito poucas coisas mudaram: alguns Ministros trocaram de pasta, Figueiredo promete a volta da democracia, etc . . . E o povo, será que ele está percebendo essas mudanças? Será que as greves de São Paulo são um sinal dos olhos abertos do povo? E o custo de vida? E a lista que foi feita em São Paulo? Vendo tudo isso podemos exemplificar dizendo: que gritos de reclamações estão ecoando por toda parte, operários, camponeses, estudantes, Igreja, enfim a população civil, organizada, está dando seu brado de revolta!

O povo não tem mais confiança nenhuma ao regime militar que aí está. Mas mesmo assim espera dias melhores. Espera ter uma terrinha para plantar. Espera ter uma casinha para morar e comida para comer. Espera ter escola para todos, trabalho para todos. Ou será que o povo não espera isso? O povo espera além de tudo que já citamos, participar na vida política. Ele espera eleger os seus representantes, como Governador, Presidente, Prefeito das capitais, todos os Senadores; enfim o povo quer participar e não aceitar tudo que vem de cima para baixo. Esses são os anseios do povo. Mas o Regime que está aí, será que vai dar margem a esses desejos?

Nós sabemos que durante esses 15 anos muitas coisas aconteceram e as pessoas que ficaram do lado do povo tiveram de uma forma ou de outra a marca da ditadura. Por exemplo: padres, religiosos, estudantes, líderes sindicais, etc. Uns foram mortos, outros presos, cassação de mandatos para os políticos; era uma forma de silenciar essas pessoas e ampliar o medo. Mas a esperança vence e os anseios do povo continuam.